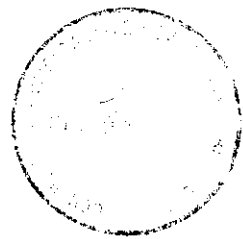


O QUE É SISTEMATIZAÇÃO?

UMA PERGUNTA.
DIVERSAS RESPOSTAS.

CUT BRASIL

1



O QUE É SISTEMATIZAÇÃO?

UMA PERGUNTA.
DIVERSAS REPOSTAS

SÃO PAULO
DEZEMBRO 2000

SECRETARIA NACIONAL DE FORMAÇÃO

Altemir Tortelli
Secretário Nacional de Formação

Martinho da Conceição
Coordenador-Geral



ASSESSORES DE FORMAÇÃO

Dirceu Fumagalli, Egeu Gomes Furtado, Gilberto Barbosa da Silva, João Marcelo Pereira dos Santos, María Esther Basualdo, Maristela Miranda Bárbara, Marta Domingues, Paula Cristina Bernardo, Rosana Myashiro Fahl, Sirley Márcia de Oliveira/Dieese

Organizadores do caderno

Dirceu Fumagalli
João Marcelo Pereira dos Santos
Maria Esther Basualdo

Equipe dos Projetos

Formação de Formadores
Formação de Gestores em Políticas Públicas
Programa Integração-SNF/CUT

Revisão:

Maria Lúcia Becker – MTb 3624/14/32

Projeto Gráfico

Garage Digital
www.garagedigital.com.br

Impresso em dezembro de 2000
Tiragem 1.000 exemplares



Planfor
Plano Nacional de Qualificação
do Trabalhador

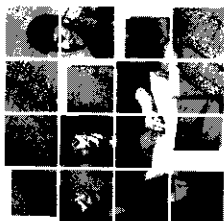


**MINISTÉRIO DO
TRABALHO E EMPREGO**

**GOVERNO
FEDERAL**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	7
O QUE É SISTEMATIZAÇÃO	8
SISTEMATIZAÇÃO... JUNTANDO CACOS, CONSTRUINDO VITRAIS Elza Maria Fonseca Falkembach	14
IDENTIFICANDO E SUPERANDO OS OBSTÁCULOS	28
SISTEMATIZAÇÃO João Francisco de Souza	33
SISTEMATIZAÇÃO Oscar Jara	36
PALAVRAS CHAVES	38
AVALIAR, SITEMATIZAR E PESQUISAR	39
SISTEMATIZAÇÃO: UMA ALTERNATIVA DE INVESTIGAÇÃO APLICADA AOS PROCESSOS DE MUDANÇA SOCIAL Claudino Domingos Veronese	42
JUNTANDO CACOS	48





*“Existe um único lugar
onde o ontem e o hoje
se encontram
e se reconhecem
e se abraçam,
e esse lugar é amanhã”.*

(Eduardo Galeano)

APRESENTAÇÃO



APRESENTAÇÃO

Um andarilho que caminha por um bosque sem olhar para trás, sem enxergar o quanto já caminhou e o que ainda lhe resta pela frente. Que não olha para baixo, a fim de escolher os melhores caminhos e desviar seus pés de possíveis pedras, buracos etc. Que não contempla a natureza lhe cercado e acompanhando. Que não fixa seu olhar no firmamento e percebe a sua infinita dimensão. Que não sente seus pés pisando na firmeza da terra. Um andarilho que não sente o cheiro do mato, das flores e plantas; que não escuta o cantar dos pássaros; que, em sua pressa para atingir o fim da caminhada, não se permite um descanso. Certamente esse andarilho apenas caminhou, perdeu a oportunidade de viver a sua caminhada. Suas pegadas apagar-se-ão no primeiro sopro da natureza. E, se algum dia vaguear sua memória em busca de recordações, terá poucas lembranças. Talvez, desta caminhada, lembre-se apenas de que foi cansativa.

A sistematização, entre tantas definições, é uma postura metodológica que contribui para atribuímos significado às “caminhadas”. Ela pode nos tornar sujeitos de nossas andanças e projetar os nossos passos para além de nós mesmos. Na caminhada, ela ajuda a aguçar os sentidos e mostrar que ainda estamos vivos e que precisamos viver. Enfim, ela pode nos tornar autênticos andarilhos.

Com esse caderno, “O que é Sistematização? Uma pergunta. Diversas Respostas”, desejamos introduzir e estimular reflexões acerca do que vem a ser a sistematização, sua importância e seu significado para o nosso fazer político-educativo. Apesar de a pergunta ser uma, as respostas são diversas, incompletas e não definitivas.

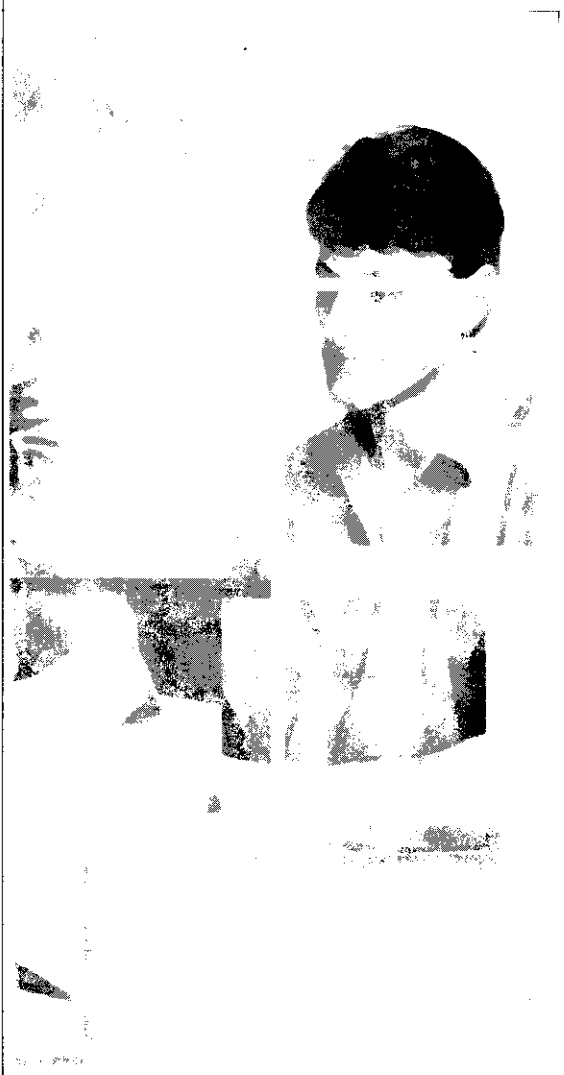
Ao utilizarmos esse material, devemos fazê-lo sem a pretensão de chegar ao seu final com um conceito claro e acabado sobre o que seja a sistematização. Assumir a complexidade da sistematização e seu caráter inconcluso, assim como continuar refletindo e praticando-a com destemor e sem ingenuidade, já é o suficiente.

Esse caderno é dedicado e destinado aos educadores e educadoras, aos educandos e educandas, a todos e todas que de alguma maneira estão envolvidos e engajados nas experiências político-educativas desenvolvidas pela Central Única dos Trabalhadores.

João Marcelo Pereira dos Santos



O QUE É SISTEMATIZAÇÃO?






Antes de prosseguir a leitura deste caderno, participe conosco de sua escrita.

A partir de seus próprios saberes, tente construir, à sua maneira, uma resposta para a questão: o que é sistematização?




A series of horizontal lines for writing, consisting of 15 parallel lines spaced evenly down the page.




“A atividade sistematizadora possibilita, assim, aos sujeitos de uma ação social e/ou coletiva se apropriarem de sua própria experiência pela construção do sentido de sua vivência nos programas, que poderá ser ampliada para a existência histórica” (João Francisco Souza).

SOUZA, João Francisco. “Sistematização da experiência por seus próprios sujeitos”. In Tópicos Educacionais. Recife-PE: UFPE, Centro de Educação, Vol. 15, Nº1/3, 1997.





“A sistematização é um conceito que vem sendo cunhado para designar uma forma metodológica de elaboração do conhecimento. Assim, sistematização é mais do que organização de dados, é um conjunto de práticas e conceitos que propiciam a reflexão e a reelaboração do pensamento, a partir do conhecimento da realidade, com o objetivo de transformar educandos e educadores do processo de formação cutista em sujeitos do conhecimento e agentes transformadores em sua localidade”. (Revista da Escola Centro Oeste).

“Ecos do Brasil Central”. In Revista da Escola Centro-Oeste de Formação Sindical da CUT. Ano 1. Dez. 2000.




“Além de melhor conhecer a experiência, os indivíduos e grupos que passam por um processo de sistematização não permanecem os mesmos: sem dúvida, tanto suas práticas como seus sistemas de valores passam por mudanças. E este momento de análise e interpretação desempenha um papel significativo no desencadeamento e na orientação dessas mudanças” (Elza Falkembach).


FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. Sistematização ... E agora?



“Cada vez mais, acreditamos que a sistematização é um construir constante, que nos despe de nossas certezas, momento a momento” (Elza Falkembach).


FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. “Sistematização ... Juntando Cacos, Construindo Vitrais”. Ijuí (RS): Ed. UNIJUI, 1995 (Cadernos UNIJUI, 23).






“
Trata-se, assim, de construir o sentido da experiência que terá como ação de retorno uma nova forma de interpretar, agir e sentir não apenas a experiência, mas a si mesmos e à sociedade” (João Francisco Souza).

SOUZA, João Francisco. Op.Cit.





“Sistematizar é abrir-se para a negociação cultural com o outro. Há negociação cultural onde houver espaço e condições para que as razões de todos sejam postas e devidamente argumentadas. Trata-se, portanto, de um diálogo devidamente argumentado para a construção de unidades de sentido e rumos a serem seguidos conjuntamente” (Claudino Veronese).

VERONESE, Claudino Domingos. Sistematização: uma alternativa de investigação aplicada aos processos de mudança social. Texto de circulação interna Projeto Integral, 1999.




“Ao sistematizar, não só se atenta aos acontecimentos, seu comportamento e evolução, como também às interpretações que os sujeitos têm sobre eles. Cria-se, assim, um espaço para que essas interpretações sejam discutidas, compartilhadas e confrontadas” (Oscar Jara).

HOLLIDAY, Oscar Jara. Para sistematizar experiências. João Pessoa: Editora Universitária, UFPB, 1996. p. 30.



“Um processo que tem a capacidade de fazer nossa visão penetrável também à *não aparência da coisa*; capaz de levar-nos aos *avessos das nossas práticas*; à busca de compreender os seus porquês e refletir sobre as conseqüências que poderão engendrar” (Elza Falbembach).

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. “Sistematização ... Juntando Cacos, Construindo Vitrais”. Op. Cit.





SITEMATIZAÇÃO... JUNTANDO CACOS, CONSTRUINDO VITRAIS

Elza Maria Fonseca Falkembach*



ONDE leria o meu QUANDO?
QUEM leria o meu COMO?
COMO escrever o meu ONDE?
QUANDO escrever o meu QUEM?

(Sant'anna, 1987: 266)

Assim como o poeta, o povo... encoberto pela história – a oficialmente contada e estudada –, para expressar o seu **quem, o seu quando, o onde e o como do seu próprio viver, tem de criar seus meios. Necessita construir instrumentos para contar e cantar os seus pensares, seus processos compartilhados, objetivações do dia-a-dia, emoções.**

*Professora do Departamento de Pedagogia da UNIJUI/RS e Educadora Popular



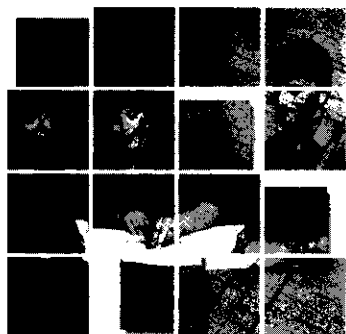
Cacos de mim.
Cacos do não.
Cacos do sim.
Cacos do antes.
Cacos do fim (: 540).

Experiências radicais de ser, carregadas de sabedoria e lida, precisam virar letra, palavra e página para compor história. Para não se perderem em cacos – de mim, de nós, de vida –, precisam ser registradas. Para se constituírem em cenário humano e rumo, significando o estar no mundo, necessitam de reflexão...

Sistematização: assim vejo/vemos, assim quero/queremos. Um instrumento; uma possibilidade; ferramenta apropriada e apropriável para a recuperação e reflexão do viver compartilhado; que faz deste viver, objeto de investigação; espaço de discussão e aprendizagem; e produção de conhecimento que se apoia no confronto de argumentos que as experiências do viver sustentam e dialetizam.



Sistematização,
juntando cacos,
construindo vitrais...
(parafraseando Adélia Prado, 1991).



SITEMATIZAÇÃO: PROCESSO DE FORMAÇÃO

A formação em sistematização não é um processo educativo qualquer. Por isso mesmo acaba um tanto elitizado, pois não são muitos os que se dispõem a escancarar sua prática social, na busca de melhor compreendê-la e fazê-la compreendida por outros. E aprender a sistematizar não se desvincula do ato de fazê-lo, de aprender fazendo, mas num desencadear de atos de caráter eminentemente reflexivo. A *sua* prática, a *minha* prática, a *própria* experiência é o que se coloca como objeto de resgate e reflexão. Portanto, é sobre algo *meu, seu, nosso* que se coloca a possibilidade de desvendar e tornar públicos equívocos, incorreções, debilidades, contradições ao lado do que consideramos acertos e sucessos também alcançados. **E mais: se a sistematização se faz para aprendermos com nossas experiências e para melhorá-las, significa que o processo pressupõe mudanças. Mudanças que vão implicar ganhos que, necessariamente, pressupõem perdas; as perdas que, das escolhas, decorrem. Portanto, fazer sistematização é colocar-se em situação de aprendizagem frente a esse fazer; é predispor-se a circular, conscientemente e inconscientemente, entre os limites do novo e do já vivido.**

JUNTAR CACOS

Quando associo sistematização ao juntar de *cacos*, não quero desmerecer nossas práticas de educação popular. Não quero dizer que seus elementos carecem de importância ou significação. Pretendo, pelo contrário, mostrar como esses elementos se necessitam e são necessários ao todo. Desejo evidenciar a capacidade que têm de tecer algo que os supera. De ressaltar a potencialidade que têm os processos reflexivos coletivos intencionados – que acontecem sobre práticas sociais concretas – de decompô-las em seus elementos mais simples e de chegar a sínteses que as elevam; de sínteses que desenham cenários; de composições que correspondem ao criar vitrais.

Procuro, também com isso, associar o ato/processo reflexivo à criação artística e, então, ressaltar que ambos podem ter a capacidade de jogar, a nós, homens e

mulheres dessas práticas sociais concretas, na luta diária, para além da busca da auto-conservação. Levam-nos a mais e levam-nos a ser mais, se *entramos*, de fato, *inteiros*, nesses processos. Levam-nos a atos que desenham, antecipadamente, os nossos *como, onde, quando e quem...*

É por aí que situamos o potencial que atribuímos à sistematização, de contribuir para que os sujeitos da educação popular assumam a discussão e construção do *novo* – parcial, porém, amplo e estratégico – desde a singularidade de suas práticas e do seu eu/outro relacionais e também singulares; a discussão e construção de um projeto político que, ao invés de aprisionar os sujeitos sociais e históricos e limitar suas aventuras humanas, corresponda a uma abertura à construção e à realização de novos cenários sociais e novos sujeitos; a discussão e participação na construção de um referencial político que possa sintetizar e provocar a realidade social, mas também sintetizar e expressar vontades e projetos humanos – de mulheres e homens concretos.

CONSTRUIR VITRAIS: UM PROCESSO RADICAL

O recuperar refletindo, o descrever relacionando, o perguntar centrado num foco que demarca o que mais se quer conhecer, o argumentar com outros, ouvir suas razões, contrapô-las com as próprias, o discutir para melhor entender, leva-nos a uma vinculação diferenciada com nossas práticas e também com o mundo. Instala-se em nós, mulheres e homens envolvidos com a sistematização de *suas* experiências, um processo perpassado por uma curiosidade interessada e pela inquietação do pensamento compartilhado. Um processo que tem a capacidade de fazer nossa visão penetrável também à *não aparência da coisa*; capaz de levar-nos aos *avessos das nossas práticas*; à busca de compreender os seus porquês e refletir sobre as consequências que poderão engendrar.

Se conseguirmos trabalhar a sistematização dessa forma, ela não será uma atividade de qualquer. Poderá constituir-se num processo capaz de elevar nossa consciência do estar na prática e do estar no mundo. Um processo capaz de criar, em nós, sensação de deleite, em razão da maior compreensão que passamos a ter dessa prática, da sua relação com o contexto. Mas, ao mesmo tempo, um estado de desconforto, dado que dificilmente nossas experiências estão isentas de contradições, como também é pouco provável que não estejam assaz idealizadas as imagens que construímos dos possíveis efeitos dessas mesmas práticas sobre o seu contexto.

Esta não deixa de ser uma sensação que nos leva a pensar em mudanças, creio eu. E mudanças desde os avessos, pois estes é que foram tocados, remexidos, transformados em objeto de estudo. **Acredito ser difícil conviver, por muito tempo e de forma consciente, com as próprias debilidades, com as que estão presentes em nossas práti-**

cas e nas relações que mantemos a partir delas – nós, indivíduos e grupos, nos dando conta e compartilhando com outros o mal-estar dessa convivência, o nosso mal-estar.

É óbvio que à minha argumentação subjaz a crença na razão. Ainda não enterrei a modernidade. Por isso mesmo, acredito no desconforto pedagógico que a sistematização pode instalar. Desconforto prenhe da necessidade do *mais*: da (re)visão de rumos, do (re)traçado de caminhos, da (re)organização de processos. E não isento de provocações mais radicais: a (re)visão de sentidos, a (re)significação das nossas práticas e do nosso estar no mundo.

Antevejo, nesse instrumento da educação popular – a sistematização –, a possibilidade de propiciar aos sujeitos do processo, educadores e educandos, um grande salto: além de viabilizar o conhecer mais e o conhecer desde um lugar – a prática – que é a mediação da *minha* relação, da *sua* relação, da *nossa* relação com o mundo; de favorecer a “consciência-do-estar-sendo”, um processo de sistematização, vivenciado radicalmente, vai além. Proporciona àqueles que o integram a oportunidade de assumirem uma “relação consciente” – desde a prática – com o mundo: traçando rumos a partir do conhecido, escolhendo caminhos referenciados ao aprendido, comunicando e submetendo à crítica o processo então percorrido (Heller, 1991a: 31). Caminhos idealizados desde este mal-estar.

Quando exponho as potencialidades da sistematização, não quero omitir o seu oposto, também possível: o afundar da esperança mediante a *imperfeição* do nosso agir coletivo e frente aos equívocos das inserções que vier a mediar. Esse é o lado cinzento do processo, com o qual também temos de conviver.

Mas, voltemos ao desconforto pedagógico a que anteriormente me referi. Esse mal estar que antecede e perpassa os processos de sistematização se assemelha muito ao clima de radicalidade que antecede e perpassa a produção artística. Em ambas situações o sujeito é levado a esbarrar-se nos seus limites e é ao deparar-se com eles que o novo passa a despontar. É esse clima de envolvimento, é essa relação radical com o próprio objeto de criação que me leva a associar a produção de conhecimentos na sistematização à construção de vitrais.

É, também, esta situação limite, experimentada por mulheres e homens que se permitem o envolvimento com processos criativos, de qualquer natureza, que os leva à maturidade, ao (re)nascimento – em nós e desde nós – de singulares vitrais.

SUJEITO E OBJETO: UMA RELAÇÃO

Como vem sendo demonstrado na sistematização de práticas de educação popular, integrando a relação radical e desafiadora que se estabelece entre sujeitos e destes com seu objeto de conhecimento e ação, instalam-se processos pautados pela dinâmica da “desconstrução é reconstrução” (Mejía, 1995).

Mas estes são processos permeáveis à participação de cada um, *a seu modo* e de acordo com as exigências da prática. Experimenta-se algo semelhante a uma *exploração da prática* com o conseqüente arremesso de *estilhaços* a direções diversas. Estilhaços que tocam os sujeitos tão mais profundamente quanto mais próximos e envolvidos estiverem com seu objeto de ação. Por sua vez, essa prática, desmanchada em partes, desfeita em cacos, poderá se (re)compor, através de trabalho (re)construtivo dos próprios sujeitos, quando cada qual participa, na medida das suas possibilidades e compromisso, da recontextualização e aferição de rumos de suas experiências de intervenção sobre o social. Assim, vai se gestando o novo na prática e nos sujeitos, homens e mulheres que a constituem.

Mas este não é um processo mecânico que leva sempre a um fim feliz. A desintegração pode ser maior do que as forças de (re)composição. Mas os sujeitos que participam dessa aventura já não serão os mesmos...

Formar em sistematização significa tirar partido dessa relação que descrevemos. Significa fazer dos processos de sistematização espaços educativos e acompanhá-los em sua dinâmica, intervindo pedagogicamente. Significa, também, encontrar momentos para propiciar, aos sujeitos, fugas efêmeras, mas planejadas, das práticas-em-si para participarem de reflexões mais abstratas e densas; para desenvolverem estudos e discussões centrados nos métodos adotados e/ou possíveis de serem usados na sistematização, em conteúdos teóricos apontados pelas experiências que estiverem sendo sistematizadas; e, também, para participarem de reflexões, de cunho epistemológico e filosófico, capazes de colocar métodos e conteúdos sob questionamento.

Estes são os momentos dos cursos, das oficinas, dos dias de estudos, atividades que, se bem dosadas e planejadas, são de grande valia aos processos de formação para a sistematização e para a re-conceituação na educação popular.

Embora essas atividades privilegiem a reflexão, elas não fragmentam o processo formativo. É interessante, inclusive, que não subtraiam os sujeitos de seu lugar de referência: que se mantenham referenciando às objetivações sociais dos mesmos. Espera-se, sim, que possibilitem as referidas *fugas efêmeras*, necessárias a um distanciamento reflexivo do objeto de conhecimento e ação; um elevar-se da prática mesma, para que os sujeitos entrem no mundo dos conceitos, das teorias, dos métodos e das bases filosóficas e epistemológicas que os sustentam. Estas atividades ou eventos podem contribuir para que os sujeitos passem a assumir atitude reflexiva frente à sua intervenção intencionada sobre o real, mas também frente às suas objetivações nas diversas esferas do social, desde o seu cotidiano, espaço de relações e aprendizagens primárias, "da linguagem ordinária, dos usos e costumes, bem como da utilização dos objetos" (Carone, [199]:6).

SUJEITOS: QUEM SÃO?

Nos caminhos que vimos percorrendo, com nosso processo de formação para a sistematização, tem se cruzado uma diversidade muito grande de sujeitos, mulheres e homens com experiências de integração social que nos encantam e ao mesmo tempo nos atemorizam, pela sua pluralidade e radicalidade social. Essas características vêm desafiando a nossa competência e criatividade, pois somos levados a lidar com coletivos heterogêneos, cujas práticas envolvem amplo raio de conteúdos teóricos e de desenhos metodológicos. Outrossim, têm demandado atenção especial à questão pedagógica, no sentido de facilitar a explicitação das expectativas, das motivações dos sujeitos, como também dos valores que pautam o seu agir, o que contribui para que façamos de nossos processos educativos espaços menos duros, abertos à manifestação das subjetividades e propícios à reunião também daqueles cacos que, antes, desprezávamos devido ao seu caráter menos objetivo.

Trabalhamos a formação em sistematização com militantes de movimentos sociais, com educadores populares e técnicos de ONGs e Universidades – que prestam assessoria a esses movimentos – e com professores de escolas públicas de primeiro e segundo graus. Se vamos analisar esses sujeitos quanto à questão do conhecimento, vamos perceber que não é somente a quantidade de escolarização que os torna, assim, plurais, mas as formas de acesso a esse conhecimento e a relação que mantêm com o mesmo. Há diversidade, inclusive, quanto ao lugar ocupado pelo conhecimento na hierarquia de valores que pauta o agir dos mesmos.

Contudo há pontos que unem a maioria deles: a inconformidade com a alienação estrutural decorrente do modo de organização da produção capitalista e de suas inserções nesta; a conseqüente necessidade de fazer de sua prática elemento de rompimento com essa alienação estrutural; o desejo de realizar leituras teóricas das práticas para identificar as contradições, saber do alcance das mesmas e buscar maior coerência e eficiência no seu agir intencionado; e a necessidade de, no bojo dessas objetivações, fazer a discussão e contribuir para a construção de um projeto de sociedade que possibilite essas ultrapassagens.

Outro elemento que caracteriza os sujeitos com quem trabalhamos “é sua formação pautada pelo paradigma da racionalidade, na versão do materialismo histórico e materialismo dialético, como opção, e, na versão do positivismo, como presença hegemônica na base desta formação. Levam, portanto, esta característica (predominância do racional) à organização e orientação das suas práticas sociais e, do mesmo modo, à concepção e condução (ou expectativa da condução) das suas experiências de sistematização” (Falkembach, 1996: 13). Essa característica estende-se também a nós, responsáveis pela coordenação e assessoria aos processos de sistematização.

CONJUGANDO SISTEMATIZAÇÃO, PEDAGOGIA E REFUNDAMENTAÇÃO

As experiências que vimos construindo historicamente, no campo da educação popular, têm nos mantido, sem muitas exceções, em íntima convivência com o ativismo. As demandas de trabalho são imensas, os conteúdos dessas demandas são demasiadamente amplos e de larga importância estratégica para o campo popular e as nossas debilidades institucionais e pessoais são, também, inumeráveis. Raramente nos damos o direito ao *ócio criativo* tão necessário à produção de conhecimentos.

No entanto temos de encontrar caminhos para romper tensões como esta. No caso da formação para a sistematização, estamos nos *limitando* a algumas prioridades.

Falar e agir a partir de prioridades corresponde a uma forma penosa de estar no mundo, pois exige escolhas, às quais seguem indigestas perdas, como já nos referimos. Mas, ainda, não encontramos outros caminhos para enfrentarmos essas questões. Admitimos que as consultas dirigidas aos nossos parceiros, a discussão sistemática, a procura de consensos em torno de eixos temáticos, a eleição de prioridades têm-nos ajudado a atribuir maior densidade teórica ao nosso fazer.

As limitações de nossos horizontes de ação a prioridades consensadas produzem, em nós, uma sensação de responsabilidade compartilhada capaz de nos colocar em atitude de acionar a imaginação para criarmos processos que façam nossos *recursos* se multiplicarem, de modo a nos permitir a construção de nossos *trabalhosos vitrais*.

Estamos, no momento, conjugando a formação em *sistematização* com a discussão da *questão pedagógica* na educação popular e, ainda, com a *refundamentação* de processos educativos nesta área.

O contexto sócio-político, do qual brotaram essas três grandes frentes de trabalho, pode ser caracterizado pelos seguintes indicadores:

- vivíamos, no Brasil, momentos pré-eleitorais, em que as forças populares se constituíam em possível alternativa de poder;

- os movimentos sociais organizados (que participavam do SPEG – Seminário Permanente de Educação Popular, da UNIJUI) nos dirigiam a demanda de recuperação e reflexão de suas práticas – sistematização –, de modo a melhor se capacitarem para firmar alianças em suas lutas e, ainda, para que pudessem ter mais fundamentos ao enfrentarem a discussão do projeto político do campo popular;

- movimentos sociais e ONGs verbalizavam, também, sua necessidade de pedagogizar suas práticas sociais, especialmente as educativas, tornando-as mais incisivas, coerentes e dotadas de maior capacidade para a problematização do pensar dos sujeitos em interação nos seus espaços;

- Universidades se viam ansiosas por aprender com as experiências pedagógicas da educação popular e acreditavam poder contribuir com a discussão da temática;

- movimentos sociais e ONGs passavam a se perguntar sobre uma pedagogia ou pedagogias mais eficazes, provocadoras, apropriadas ao trabalho com seus integrantes e com os sujeitos sociais não organizados dos tempos pós-modernos, os sujeitos emergentes.

Por sua vez, tanto universidades como ONGs e movimentos sociais, diante da perplexidade mundialmente gerada em razão das transformações do Leste Europeu e do avanço do neoliberalismo, intensificavam sua participação em discussões, realizavam seminários e produziam e/ou demandavam material para estudo, visando melhor entenderem a dinâmica mundial e o reflexo desta sobre suas vidas. A questão dos paradigmas também se colocava e, com ela, a discussão da necessidade da re-fundamentação da educação popular.

Nosso trabalho de capacitação para a sistematização inaugurou, a partir desse contexto, uma dinâmica renovada, embora não isenta de tensões e dificuldades, mas foi a que consideramos possível.

Realizamos oficinas de sistematização entremeadas com oficinas sobre a questão pedagógica na educação popular, sendo que as primeiras trataram da questão da sistematização, em si: conceitos, objetivos, alcances, produtos, sujeitos de conhecimentos e conhecimentos de sujeitos, participação dos sujeitos, relação entre conhecimento e poder. Seguimos com a apresentação de uma proposta metodológica, recriável de acordo com a singularidade de cada experiência.

As oficinas de pedagogia trataram a questão pedagógica, mas associando-a com a sistematização e a temática que a nova conjuntura mundial introduziu em nossos viveres e pensares. Esta trama se tornou possível através dos eixos temáticos que íamos elegendo para a sistematização. Cada prática, além do seu eixo temático específico, trabalhava também, como eixo pedagógico, a *caixa de ferramentas* que mantinha implícita na experiência educativa.

As oficinas pedagógicas chegaram, também, a retirar das práticas singulares, elementos de conteúdo e a tratá-los de forma mais abstrata, desenvolvendo *exercícios* de atualização e reconceitualização: os conceitos de educação popular, de pedagogia, de sistematização e alguns fundamentos das práticas de educação popular. Esses *exercícios* não produziam a desvinculação do sujeitos das suas práticas concretas, em processo de sistematização. Pelo contrário, desenvolviam o jogo dialético de ver o conceito na prática e esta no conceito.

No espaço que se estabelecia entre uma oficina e outra, combinávamos tarefas para o grupo em processo de capacitação, tarefas estas que cada participante podia desenvolver entre seus pares, pois às oficinas acorriam apenas um ou dois integrantes de cada experiência.

O acompanhamento ou seguimento – que consideramos necessário, inevitável, fundamental – conseguimos fazer a não muitas experiências. Uma das razões foi a não continuidade de algumas delas, o não cumprimento de tarefas acordadas, a não

demanda de assessoria, apesar da convivência com a culpa e com a idealização de *um dia* para a retomada dos trabalhos. Outra tem sido a falta de capacidade de nossa parte, especialmente decorrente da escassez de recursos e de tempo, de criar uma infra-estrutura para a animação e assessoria mais regular aos grupos em processo de formação. Essa infra-estrutura tem sido buscada, mas ainda não conseguimos consolidar uma equipe que possa investir no trabalho mais intensamente.

Acreditamos que uma dinâmica, conforme a que inauguramos, não é tão fácil de se manter, no entanto tem se mostrado coerente com o contexto vivido e demonstrado largo potencial educativo. **Entre a vontade de sistematizar uma prática e a criação de condições para tal, passam rios caudalosos. Além de questões conjunturais como as que enfrentamos, impedindo o desenvolvimento de muitos trabalhos (eleições gerais, com disputa de projetos políticos distintos, lutas específicas de movimentos sociais que acionam também as assessorias, tarefas e burocracia institucional), entram em cena resistências pessoais, institucionais, o exigente cotidiano do educador popular e a dificuldade de conseguirmos recursos financeiros com entradas regulares.**

Para enfrentarmos todos esses entraves, temos aliado a discussão política sobre o potencial estratégico da sistematização a questões relacionadas às subjetividades dos educadores e educandos e às culturas institucionais. Tudo isso sem perder de vista o contexto e as armadilhas que nos apresenta a política neoliberal.

Ainda recusamos a hipótese de trabalhar a sistematização num clima paradigmático onde o caos epistemológico possa imperar. Mesmo que tenhamos tranquilidade para conviver com a diferença e para trabalhar o conhecimento no bojo da discussão ou comunicação argumentada, nossa proposta vai encaminhando os sujeitos da prática a escolhas que referenciem ideais.

Até o momento, não nos demos tempo para a reflexão mais profunda a respeito do conhecimento que vem se produzindo nesse processo. Contudo nossas intuições nos levam a não desqualificá-lo frente a qualquer outro processo celebrado pelo fazer científico de nossa época. Este se coloca como o próximo desafio dos sujeitos que interagem no interior desse processo formativo: nossos assessores, nós – Comitê Executivo do SPEG e Membros do Programa de Apoio à Sistematização do CEAAL – e nossos parceiros, integrantes dos movimentos sociais, ONGs, universidades e comunidades escolares.

ENTENDENDO NOSSOS AVESSOS

A sustentação epistemológica de nossa proposta de sistematização, bem como a proposta, em si, está em dependência do *objeto* com o qual trabalhamos e dos sujeitos-destinatários da mesma: objeto/sujeito, relação que constitui um movimen-

to com dimensão histórica, uma prática; objeto/tecitura, heterogêneo pela diversidade dos sujeitos que congrega e lhe dão sentido. Sujeitos marcados pelas suas objetivações, capazes de voltarem-se sobre o seu agir, para perceberem-se no seu movimento, identificando os sentidos que denotam ao seu estar-sendo e assumindo o desafio de re-significá-lo; objeto/construído que necessita objetivar-se em discurso – conceitos, relações, sentidos – para tornar-se “meio de investigação do real” (Bruyne, [s.d.]: 50), constantemente referenciado ao objeto/real que o provoca a mais conhecer, porque o transborda em totalidade, e ao objeto/percebido, que lhe atribui sentido; objeto histórico, que “difere, em natureza, do objeto real e, em complexidade, do objeto percebido” (:52), em cujos avessos encontramos objetividade e subjetividade em relação dialética.

Convivemos, nos processos de sistematização, com um ‘trio amoroso’ – objeto/real, objeto/percebido e objeto construído – que nos desinstala a todos, integrantes das práticas e assessores. A necessidade de conhecer, acentuada pelo caráter social desse objeto/sujeito/real, exige rupturas epistemológicas em dois sentidos (Santos, 1989: 31-45) para transformá-lo em objeto de conhecimento, objeto/construído. Ruptura com o senso comum, que tenderá a agarrar-se ao objeto percebido, e com o conhecimento da ciência, que tenderá a apropriar-se do objeto/construído, se não estivermos decididos às rupturas e reflexivamente vigilantes para torná-las possíveis.

Essa nova atitude frente ao conhecimento implica conseqüências muito amplas, especialmente, porque nos encaminha, também, a romper com os paradigmas que, até então, nos permitiam manter, com uma certa segurança, o nosso discurso e a nossa prática.

Em nosso caso, especialmente em relação à sistematização, até recentemente, não tínhamos nos acercado desta questão de forma mais direta e questionadora. Acreditávamos ter feito uma opção sobre as bases epistemológicas de nossa proposta metodológica que nos exigia novas buscas, mas direcionadas. Vínhamos identificando nossa proposta de sistematização com uma orientação metodológica dialética, protegendo-nos, contudo, do mecanicismo que esta pudesse imprimir às nossas construções teóricas. A questão cultural, que buscávamos na antropologia, era tomada como elemento relativizador do determinismo dos processos sócio-históricos, concorrendo de forma enfática para entendermos os processos interativos e subjetividades dos sujeitos então presentes nas experiências em estudo. Procurávamos não nos estacionarmos no marxismo clássico. Com isso, as contribuições de Gramsci nos deram subsídios para melhor entendermos a relação de unidade entre a teoria e a prática, na teoria da práxis. Seus conceitos de hegemonia e contra-hegemonia nos instigaram a levantar hipóteses sobre a existência de núcleos, com alto potencial estratégico nos micro-espacos do social, sustentáculo de práticas sociais concretas, que processos de sistematização vinham recuperando. Por Agnes Heller começa-

mos a entender a força do cotidiano e a re-fundamentar nossa compreensão sobre esses espaços e sobre os sujeitos sociais que neles vêm conseguindo se expressar. A questão da ética passou a ser melhor compreendida por nós, também a partir das contribuições teóricas dessa filósofa e a ocupar lugar mais significativo em nosso referencial (Heller, 1992: 111-121).

Nosso percurso e nossos recentes encontros teóricos, bem como a preocupação que nos acompanha de manter a coerência pedagógica do nosso trabalho, estão nos dirigindo, hoje, a recusar opções formais e “a priori”. Preferimos esperar que as intencionalidades dos sujeitos e as ênfases dadas por eles, ao abordarem o objeto da sistematização e, também, esse mesmo objeto de sistematização possam ir depurando a linha de pensamento que melhor dê conta de pautar a *construção* (e conseqüente desconstrução e reconstrução) *do objeto*. Com essa atitude, acrescentamos às nossas preocupações, a necessidade de reunir elementos que nos permitam alertar e fornecer subsídios para que essa mesma linha de pensamento se faça presente nos demais *momentos reflexivos-operativos* da sistematização ou entre em diálogo explícito com outras lógicas que a questionem ou complementem.

Essa atitude, que passamos a manter com o conhecimento, leva-nos a afirmar que, na sistematização, a construção do objeto já demanda análises profundas. São processos que exigem e propiciam as referidas rupturas epistemológicas e que instigam os sujeitos à aprendizagem, na medida em que os mantêm imersos na dialética de modificar o objeto e serem por ele transformados.

A narrativa da prática significa fazer, do objeto, discurso. Discurso que será, tão melhor quanto mais sustente e revele a complexidade de miradas da pluralidade dos sujeitos em debate com as teorias resgatadas no e para o processo de produção de conhecimento. Discurso que poderá ir traçando percurso social ou perder-se nas contradições da prática e do processo de sistematização, por dificuldades dos sujeitos lidarem com os próprios encontros e rupturas.

Consideramos ser este o momento mais complexo da sistematização. Momento de cruzamentos, em que a teoria vai perguntar à prática e a prática vai dirigir perguntas à teoria.

O colocar a prática sob dinâmica de questionamento permanente, na sistematização, elegendo esta atitude como marca da relação sujeito/objeto, já nos assegura a possibilidade de uma construção ou, pelo menos, do projeto de uma construção, projeto para um novo vital.

Como os processos de sistematização são pautados por intencionalidade de caráter mais pragmático, “conhecer a prática para transformá-la”, “conhecer a diversidade de sentidos que os sujeitos atribuem às suas experiências”, “consensar sentidos mediante discussão sistemática da prática, teoricamente fundamentada” e “produzir conhecimento de caráter transformador”, podemos nos enredar nas ciladas do pragmatismo, relegando os momentos de reflexão. Estes são os momentos das

perguntas. Perguntas que poderão livrar a prática da mesmice.

São momentos delicados, porque implicam relações de poder, nem sempre explícitas. Relações que podem levar sujeitos e experiências a saltos profundos e que, também, não estão isentas da possibilidade de reforçarem preconceitos e ideologias e da cristalização de posições.

Cada vez mais, acreditamos que a sistematização é um construir constante, que nos despe de nossas certezas, momento a momento. Não quero desenhá-la como processo maniqueísta que nos leva a viver entre o bem e o mal, entre o certo e o erro. Quero, sim, ressaltar o seu potencial de colocar-nos em nossos limites: de conhecimentos, éticos, emotivos e até físicos. Quero demonstrar que a sistematização é um espaço de encontro entre sujeitos plurais, que se congregam por alguma insatisfação, por alguma busca, necessidade, curiosidade. E adiantar que o mínimo que a sistematização poderá fazer é possibilitar que esses sujeitos, em seus processos interativos, expandam essas marcas e, com isso, impulsionem traçados de percursos sociais, do lugar de suas práticas. Que das suas insatisfações, buscas, necessidades, curiosidades, encontrem forças para juntar cacos e construir vitrais. Os vitrais possíveis da sua época, do seu estar no mundo, mesmo sabendo que estarão correndo atrás de suas idealizações.

ALÉM DE VITRAIS, ANÉIS

Para finalizar, gostaria de retomar uma questão que tem sido motivo de muitas discussões entre os que trabalham com sistematização: que tipo de conhecimento estará a sistematização produzindo? Estará, mesmo, produzindo conhecimento? O que diferencia o conhecimento produzido pela sistematização do que a investigação produz?

A metáfora do conhecimento nuclear e do conhecimento anular de Agnes Heller (1991b: 24-32) e a reflexão que desencadeia, a partir desta, poderão contribuir com nossa discussão, mantendo-a, contudo, aberta. A autora entende conhecimento *nuclear* como aquele que teríamos boas razões para acreditar que qualquer pessoa chegará a ele, se explorar todas as fontes à disposição, observar atentamente os fenômenos relevantes, entrar em discussão com os membros da comunidade científica que vêm se dedicando à temática e realizar um estudo exaustivo quanto às abordagens do tema. O *anular* é aquele conhecimento ao qual chegamos, desde um particular ponto de vista, perspectiva ou interesse cultural, não compartilhado pelos demais (estudiosos da temática), que podemos associar a experiências vitais individuais ou coletivas. É um conhecimento singular ao qual somente poderão chegar os que tiveram aquela experiência. O conhecimento anular, como assinala a autora, tem uma habilidade especial para dar significado ao núcleo, porque aporta, a ele,

elementos de originalidade, inovação, surpresa.

Nos arvoramos a adiantar que, na sistematização, esse anel é demasiadamente denso. A sistematização atribui ao conhecimento uma "cara" própria, o que poderá torná-lo sedutor às mulheres e homens que o produzem e a quem se dirige. Contudo há o lado avesso da questão: a proximidade que esse conhecimento poderá manter com a ficção e com a ideologia.

BIBLIOGRAFIA

BRUYNE, P., HERMAN, J., SCHOUTHEETE, M. *Dinâmica da pesquisa em ciências sociais*. 3.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, [s.d.].

CARONE, Iray. *A questão dos paradigmas nas ciências humanas e o paradigma da estrutura das objetivações sociais de Agnes Heller*. [Campinas, 1995].

FALKEMBACH, Elza Maria F. *A história da formação para a sistematização no SPEP*. Ijuí (RS), UNIJUÍ, 1996. [mimeo].

HELLER, Agnes. *Sociologia de la vida cotidiana*. Barcelona: Península, 1991a. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

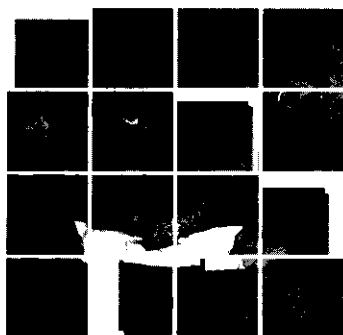
_____. *Historia y futuro: sobrevivirá la modernidad?* Barcelona: Península, 1991b.

MEJÍA, Marco Raúl. *Reconstruyendo la cultura escolar*. Bogotá: CINEP, 1995. [mimeo]

PRADO, Adélia. *Cacos para um vitral*. São Paulo: Siciliano, 1991.

SANT'ANNA, Afonso R. *A poesia possível*. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.



IDENTIFICANDO E SUPERANDO OS OBSTÁCULOS



“Entre a vontade de sistematizar uma prática e a criação de condições para tal, passam rios caudalosos. Além de questões conjunturais como as que enfrentamos, impedindo o desenvolvimento de muitos trabalhos (eleições gerais, com disputa de projetos políticos distintos, lutas específicas de movimentos sociais que acionam também as assessorias, tarefas e burocracia institucional), entram em cena resistências pessoais, institucionais, o exigente cotidiano do educador popular e a dificuldade de conseguirmos recursos financeiros com entradas regulares” (Elza Falkenbach. Sistematização ... Juntando Cacos, Construindo Vitrais)

Até aqui, nos dedicamos a apresentar um conjunto de elementos na tentativa de nos aproximarmos de um conceito de sistematização, enfatizando, sobretudo, as suas potencialidades e virtualidades.

Entretanto, quando nos aventuramos no trabalho de sistematizar, é bastante comum nos depararmos com grandes obstáculos, que acabam sepultando os projetos de sistematização.

Por isso, é necessário refletir e identificar, desde o início, os obstáculos enfrentados pela sistematização.

Não raras vezes, por exemplo, toma-se a sistematização como a varinha mágica que tudo resolve, ou como remédio que cura todos os males. Com isso, acaba-se vulgarizando a sistematização. Não podemos esquecer que a sistematização, em si mesma, não tem sentido, nem surte qualquer efeito milagroso.

Muitas vezes, sem nos darmos conta, caímos numa rotina burocratizada e ativista, prática cada vez mais comum nas nossas instituições. O apego aos rituais burocráticos, a transformação daquilo que é meio em fim e do que é fim em meio, assim como o ativismo expresso na sempre "falta de tempo", acabam desestimulando e paralisando os projetos de sistematização.

Para que a sistematização se realize inserida em um projeto político-pedagógico, as nossas instituições precisam assumi-la como parte constitutiva de sua identidade. O que, via de regra, não é o que acontece.

A falta de vida coletiva nas nossas instituições impede que a sistematização ultrapasse os limites da boa intenção de alguns. O entusiasmo e a paixão pela sistematização necessitam de condições proporcionadas pelas instituições, e uma delas é a vida coletiva. Sem vida coletiva, a sistematização corre o risco de ser empobrecida.

Os atuais valores da sociedade contemporânea também colocam em risco as nossas experiências educativas e, junto com elas, as possibilidades de sistematizar. A super valorização do *ter mercadoria*, em prejuízo do *ser humano*, a superficialidade, a banalidade e a realização em alta velocidade de nossos projetos acabam limitando enormemente os processos educativos. Neste sentido, a sistematização, ao procurar superar esses condicionantes sugeridos e impostos pela sociedade mercantilizada, também pode contribuir para que as nossas experiências se firmem como contra-hegemônicas.

A cultura da fragmentação, que departamentaliza o conhecimento, que isola as pessoas em seus projetos, que desvincula, também contribui para frustrar os desejos de sistematizar.

A sistematização, como geradora de novos saberes e animadora de mudanças, sejam elas íntimas, institucionais ou em nossas práticas políticas educativas, acaba tensionando verdades estabelecidas e mexendo com as relações de poder. Ou seja, a sistematização se relaciona com questões complexas e de fundo, que, por co-

modidade pessoal ou das nossas instituições, acabam intocadas, como “sempre estiveram”.

A falta de relações democráticas, transparentes e participativas constitui um fator impeditivo do brotar e florescer da sistematização.

Operacionalmente, também nos deparamos com alguns obstáculos: falta de registros, relatórios, ou informações organizadas; resistência das nossas instituições em pautarem de forma planejada a questão da sistematização etc.

Sobre as condições necessárias para concretizar um projeto de sistematização, Oscar Jara sugere:



CONDIÇÕES PESSOAIS:

- Interesse em aprender da experiência.
- Sensibilidade para deixá-la falar por si mesma.
- Habilidade para fazer análise e síntese.

CONDIÇÕES INSTITUCIONAIS:

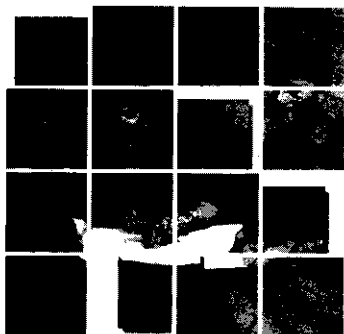
- A busca de coerência para o trabalho de equipe.
- A definição de um sistema integrado de funcionamento.
- Impulsionar um processo acumulativo dentro de nossas instituições.

**HOLLIDAY, Oscar Jara. Para sistematizar experiências. João Pessoa. Editora Universitária, UFPB, 1996, pp. 71-75.*

**SISTEMATIZAR É REFLETIR
ORDENADAMENTE A PARTIR
DA NOSSA PRÁTICA, SUBME-
TENDO TUDO A UMA
CRÍTICA, PROBLEMATIZANDO
E IDENTIFICANDO OS
CONFLITOS E CONTRADIÇÕES,
ANALISANDO TUDO O QUE
FAZEMOS, BUSCANDO OS
PORQUÊS E AS RELAÇÕES
ENTRE AS COISAS. E É PRECISO
QUE ESSA PRÁTICA SE
FAÇA DE MANEIRA
COLETIVA, TRABALHANDO
JUNTOS EM IDÉIAS
QUE NOS AJUDEM
A EXPLICAR O
QUE TEMOS FEITO.**

**É O PROCESSO ATRAVÉS
DO QUAL RECOLHEMOS
INFORMAÇÕES, REFLETIMOS E
SELECIONAMOS O MAIS IMPORTANTE
DAS EXPERIÊNCIAS. PARA ISSO,
SE FAZ UMA PARADA NO
CAMINHO E SE PERCEBE A MANEIRA
COMO VIEMOS ATUANDO.**

SOUZA, João Francisco. Por que sistematizar? In Centro Nordestino de Animação Popular. Almanaque de Metodologia da Educação Popular. Recife-PE: CEPE Companhia Editora de Pernambuco, 1998, p 97.



SITEMATIZAÇÃO

João Francisco de Souza*

Sistematizar é refletir ordenadamente a partir da nossa prática, submetendo tudo a uma crítica, problematizando e identificando os conflitos e contradições, analisando tudo o que fizemos, buscando os porquês e as relações entre as coisas. E é preciso que essa prática se faça de maneira coletiva, trabalhando juntos em idéias que nos ajudem a explicar o que temos feito.

É o processo através do qual recolhemos informação, refletimos e selecionamos o mais importante das experiências. Para isto, se faz uma parada no caminho e se percebe a maneira como viemos atuando. Tomamos essas experiências para análise e interpretação.

POR QUE É IMPORTANTE SISTEMATIZAR?

Porque muitas vezes perdemos no esquecimento experiências interessantes que realizamos;

Porque poucas vezes nos damos conta do que ocorre no fundo das coisas e da realidade, das contradições que nos impedem de avançar...

Porque realidade é transformação contínua e temos de ir analisando para poder atuar melhor sobre ela...

**Professor e pesquisador do Departamento de Sócio-Filosofia da Centro de Educação da Universidade Federal de Pernambuco*



SISTEMATIZAR É:

Resgatar
Registrar
Ordenar
Interpretar
Analisar
Coordenar



SISTEMATIZAR É:

Separar o que está misturado
Juntar o que está disperso
Dar nomes às coisas

POR QUÊ SISTEMATIZAR

“A sistematização, como uma atividade de produção de saberes que permite os sujeitos se apropriarem de sua experiência, começou entre os intelectuais da Educação Popular na América Latina, na década de 70. Ela tem origem na capacidade sistematizadora do ser humano, que também lhe permite realizar pesquisas e avaliações, ordenar idéias e fatos, bem como escrever poesias, contos e romances e, ainda, construir viadutos e instrumentos de telecomunicações.

Atualmente, a sistematização ganha relevo em todo e qualquer trabalho de promoção social, de educação e de desenvolvimento. Ela mantém relações com a pesquisa e a avaliação, mas não pode ser reduzida a qualquer dessas atividades. A atividade intelectual intencionalmente realizada pelos participantes de uma determinada experiência está se configurando e ganhando uma identidade própria, no interior da capacidade sistematizadora do ser humano, como uma atividade que permite a construção do sentido da ação humana e a sua reorientação.

A sistematização não se reduz ao nível especificamente cognitivo e vai além da identificação de resultados econômicos e políticos, da utilidade ou não de uma ação humana. Ela contém um aspecto cognitivo, pois produz idéias e noções, mas se propõe a ir além, ao querer descobrir e formular o sentido que uma determinada experiência está adquirindo para os sujeitos e pelos próprios sujeitos.

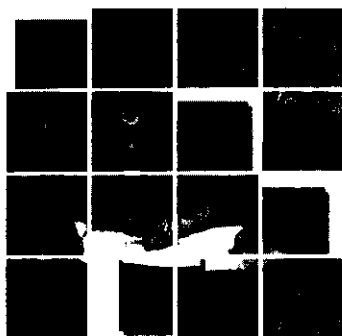
Não se trata apenas de ordenar logicamente os passos de uma ação, de recuperar sua história e analisar seus resultados (econômicos, políticos e sociais). Trata-se, sobretudo, da construção, da ordenação e da comunicação dos saberes que essa ação está proporcionando a seus fazedores. Como produção de saber da experiência, a sistematização busca identificar as idéias, os sentimentos e as formas de fazer que ela está construindo ou proporcionando aos diversos sujeitos envolvidos.

A sistematização garante a apropriação da experiência pelos seus sujeitos, ao possibilitar-lhes a formulação do sentido de sua ação.

Trata-se de uma construção pessoal e coletiva, intencionalmente planejada e realizada por aqueles que, tendo vivenciado uma ação, querem descobrir e construir o seu sentido, querem perceber o seu significado como experiência humana pessoal e social. Buscam, portanto, transcender a experiência e reorientá-la.

A sistematização tem possibilidade de ganhar consistência como uma modalidade de pesquisa do tipo “estudo de caso”, onde se qualificará pela descoberta e formulação das dimensões subjetivas – sem perder a objetividade – no trabalho organizativo, político, produtivo, através da reflexão sistemática desenvolvida pelos próprios sujeitos deste trabalho. Enfim, ela permitirá a construção do sentido da ação humana, possibilitando a apropriação da experiência por aqueles que a vivem”.

* SOUZA, João Francisco. *Por que sistematizar?* In Centro Nordestino de Animação Popular. *Almanaque de Metodologia da Educação Popular*. Recife-PE: CEPE Companhia Editora de Pernambuco, 1998.



SITEMATIZAÇÃO

Oscar Jara*



SISTEMATIZAR É:

**Ordenar e classificar a informação.
Ou criticar o processo.
Ou aprender com a experiência,
ou tirar lições da experiência.**

Normalmente se usa nas Ciências e disciplinas a palavra sistematizar como sistematização de informação. O que coincide com a idéia de ordenar e classificar informação. Essa é uma maneira de entender a palavra sistematizar. É a mais usada e a mais comum. Nós queremos propor outra idéia do que é sistematizar experiência. Usamos o mesmo termo, a mesma palavra, mas quando falamos de sistematizar uma experiência já não podemos só ordenar e classificar a informação, pois há muito mais coisas para fazer da experiência.

Isso nos leva à segunda idéia: de que sistematizar é criticar o processo vivido. Só que essa interpretação, para nós, se faz a partir de seu ordenamento e reconstrução. Para nós, a palavra-chave aqui é *processo vivido* como o elemento sobre o qual se vai fazer uma interpretação crítica, primeiro, reordenando e reconstruindo o que se

passou no processo. Isso tem como intenção, aprender da prática. Esta foi uma proposta de algo que quis descobrir com vocês.

Nossa experiência é nossa principal fonte de aprendizagem, essa é a idéia central. A partir daí, fazemos estudos, investigações. Mas é preciso um método para se aprender da experiência.

Sobre a base dessa idéia central nós elaboramos uma proposta metodológica que tem, digamos, três momentos. Há um momento descritivo, de descrição, de ordenamento e de reconstrução histórica do que se passou. Depois, interpretar criticamente e tirar conclusões. E, por fim, o que eu considero o mais importante, que é comunicar as aprendizagens. A idéia é que cada um de nós discorra sobre uma parte de sua experiência. Isso só acontece se houver sistematização, caso contrário a experiência vai se perdendo no tempo.

A importância que dou à comunicação das aprendizagens e das conclusões é que isso vai me exigir uma comunicação ordenada e, ao ordenar, tenho de explicar e também devo olhar minha experiência com os olhos daquele a quem comunico, pois ele questiona minhas ações. Importante também é que minha experiência serve de espelho para a experiência dos outros que compartilham da comunicação.

Não há receita para a sistematização. Há elementos, critérios fundamentais. Geralmente, num processo de sistematização, temos um tema comum e aspectos comuns que queremos sistematizar. Então, disso resulta que cada instituição vai elaborar uma resposta e compartilhá-la. De tudo isso vão sair aprendizagens comuns. Este momento contribui para a formação de identidade e concepções comuns. Há uma concepção comum tirada das experiências que vai ser patrimônio do conjunto, vai ser identidade. As diferenças devem ser explicitadas e processadas.

A sistematização serve para alimentar as avaliações e o planejamento.

* Intervenção de Oscar Jara no encontro entre os parceiros do CCFD no Nordeste.

PALAVRAS CHAVES

Certamente, durante a leitura, algumas palavras-chaves em torno da sistematização foram se destacando. Neste momento, vamos aproveitar para registrar algumas:

Refletir sobre as experiências.

Qualificar nossa prática.

Juntar.

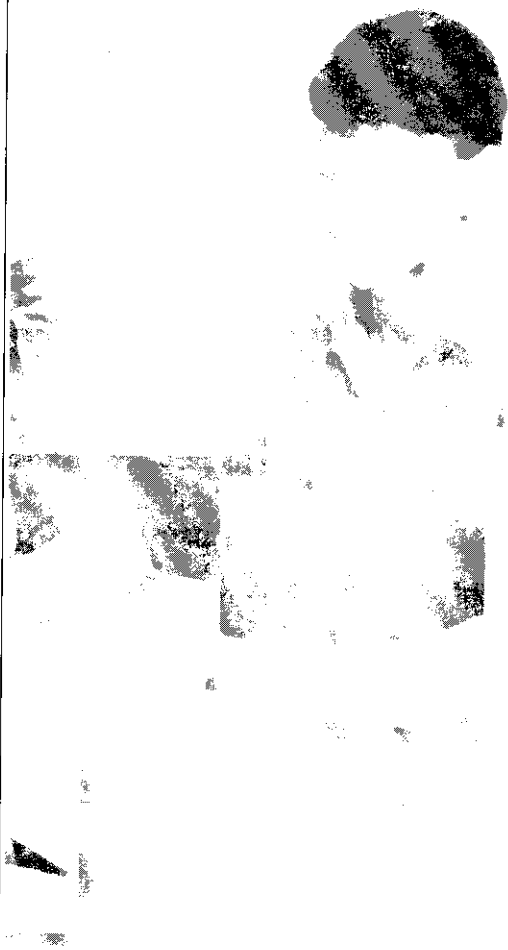
Organizar.

Atribuir significados.

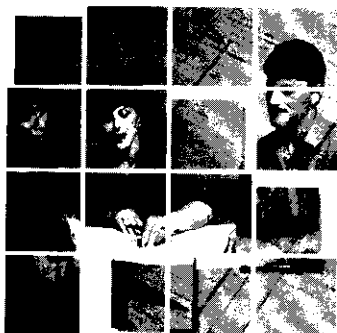
Compartilhar experiências.



SISTEMATIZAR, AVALIAR E PESQUISAR



SISTEMATIZAÇÃO	AVALIAÇÃO	PESQUISA
Seu objetivo é realizar uma interpretação crítica da lógica do processo vivido.	Seu objetivo é mensurar os resultados obtidos pelas experiências, confrontá-las com o diagnóstico, os objetivos e metas estabelecidas.	Seu objetivo é gerar conhecimento científico, dirigido a conhecer um aspecto desconhecido da realidade.
Centrada na dinâmica dos processos.	Centrada nos resultados.	Centrada na comprovação de hipóteses.
Procurar as relações entre a teoria e a prática.	Procurar a relação dos objetivos e metas com os resultados obtidos.	Procurar a relação entre os fatos, os processos e as estruturas conceituais.
Quem a realiza deve ter sido parte do processo que se sistematiza.	Quem a realiza pode não ter sido parte do processo.	Quem a realiza não necessita ter sido protagonista do fato a ser investigado.
Expressa as aprendizagens alcançadas nos processos vividos.	Expressas as brechas entre o planejado e o alcançado.	Expressa novas formas de conhecimento sobre áreas específicas.



SITEMATIZAR, AVALIAR, E PESQUISAR



A sistematização, a avaliação e a pesquisa são três irmãos inseparáveis. São dimensões vitais da prática político-educativa. Uma não pode prescindir da outra, sob o risco de sermos abatidos pelos renovados desafios de fundamentarmos conceitual e metodologicamente as nossas experiências, que se pretendem alternativas e contra-hegemônicas.

O próximo texto procura estabelecer distinções e relações entre a sistematização, a avaliação e a pesquisa.



SITEMATIZAÇÃO: UMA ALTERNATIVA DE INVESTIGAÇÃO APLICADA AOS PROCESSOS DE MUDANÇA SOCIAL

Claudino Domingos Veronese*

A sociedade em que vivemos passa, neste final de século XX, por profundas mudanças nas áreas do conhecimento, da economia, do social e do cultural. Não é a primeira vez que a história registra mudanças de maior profundidade. A formação e desenvolvimento dos povos têm apresentado períodos de crise, gerados pelo esgotamento de um determinado modo de se constituir econômica, social e politicamente. Assim ocorreu com a sociedade européia, na passagem da Idade Média para a Idade Moderna. As mudanças provocadas pela expansão da navegação e do comércio, no final da Idade Média, criaram as condições para que se configurasse a sociedade moderna, estruturada a partir do modo de produção calcado no modo de ser-trabalho-dominação e em sempre novas mudanças no campo do conhecimento, da economia, do social e do cultural.

Estabelecendo um paralelo entre as mudanças ocorridas em outras épocas e as em andamento no final do século XX, constatamos que, enquanto aquelas se restringiram a um determinado povo ou continente, as atuais envolvem o conjunto dos continentes e da sociedade moderna. Vivemos, no dizer de Marco Raul Mejia (1995), num período da história que se caracteriza por uma mudança de época e de civilização. A profundidade dessa mudança é tão significativa que, no dizer do mesmo autor, demanda a presença de outras mudanças, entre as quais a de se repensar as formas de leitura crítica e de intervenção na realidade e a de rever o ordenamento da institucionalidade e dos processos, com suas práticas e suas teorias, que foram criados para dar unidade ao sistema social moderno dominante.

* Claudino Domingos Veronese, Graduando em Filosofia e Orientação Educacional, Mestre em Educação na área das Ciências. A partir de 2000, leciona a disciplina "Introdução à Filosofia" na Faculdade de Direito de Francisco Beltrão no Sudoeste do Paraná.

A BUSCA DE SEMPRE NOVAS FORMAS DE ENTENDER A REALIDADE

Questões e problemas, colocados pelas mudanças ocorridas no início da Idade Moderna, ao não encontrarem, no modo medieval dominante de entendimento da realidade, uma explicação condizente com os fatos e os fenômenos do mundo da natureza e da sociedade humana, exigiram a elaboração de um novo método explicativo da realidade. Esse desafio envolveu estudiosos que, a partir de Descartes e Bacon, deram início à elaboração do que veio a se constituir no método da pesquisa científica.

No dizer de Marco Raul Mejia (1995), na elaboração e na aplicação deste método, passou a dominar o interesse pelo estudo conceitual da realidade nas suas partes e nos seus problemas, buscando o ordenamento que pudesse ser confirmado pela lógica. A representação mental, racionalista, da realidade produz: uma compartimentação dos saberes e uma certa modelação da realidade; um desenvolvimento entendido como progresso econômico linear; uma visão de oposição entre sujeito e objeto; o conhecimento como representação correta da realidade; a linguagem como instrumento de transmissão, de uma mente à outra, do conhecimento constituído; a história como a sucessão de eventos cuja objetividade lhe confere veracidade.

A absolutização da visão de mundo e de realidade, gerada pela razão, firma a concepção da natureza como se constituída de duas grandes partes: a da mente e a da matéria. A matéria, descrita nas suas partes e nos nexos que as articula entre si, é comparada a uma máquina composta por muitas peças e que opera linearmente por leis mecânicas.

Foi com base neste método da representação mental da realidade, na qual não há lugar para a subjetividade e a pluralidade de dimensões da vida, que a sociedade moderna começou a ser estudada e estruturada. A crença de que a sociedade humana constitui-se da mesma forma que a realidade material, leva estudiosos a empregar o mesmo método de investigação científica, firmado na tradição do pensamento positivista, para explicar os processos sociais. Os fenômenos humanos, entendidos na sua estruturação e funcionamento como os da natureza material, tornam-se passíveis de serem manipulados, medidos, previstos e cujo valor é atribuído por pessoas externas aos mesmos.

A sociedade ocidental moderna opera firmada no pensamento científico-tecnológico que se sustenta na filosofia do realismo materialista. Um realismo que reduz a realidade, excluindo dela a subjetividade. Com a exclusão da subjetividade, exclui igualmente a pluralidade de dimensões da vida e do ser humano.

A prática das pesquisas sociais, no entanto, suscita um forte questionamento so-

bre a validade de se usar este método para o estudo da realidade social. A constatação de que as explicações obtidas não proporcionam a compreensão dos fenômenos e problemas sociais, naquilo que os caracteriza e os diferencia, estimulou o desenvolvimento de iniciativas para a elaboração de novos métodos, mais apropriados para o estudo da realidade social. Dentro dessa busca, a investigação avaliativa, primeiro no enfoque quantitativo e, posteriormente, no qualitativo, passa a ocupar este espaço.

A investigação avaliativa normalmente é usada: para estabelecer um paralelo entre a projeção inicial e o realizado; para identificar os problemas ocorridos no percurso da prática e suas causas, particularmente quando o resultado não corresponde à expectativa inicial; para averiguar se os objetivos traçados inicialmente foram alcançados e, no caso de não terem sido realizados, identificar as causas.

Analisando a avaliação sob o enfoque epistemológico, Sérgio Martinic (1998) identifica na prática da investigação avaliativa, que adota métodos quantitativos, a presença da lógica do pensamento positivista. Uma lógica que dá sustentação ao entendimento da realidade social como se constituído numa estrutura objetiva e externa ao sujeito. Por sua vez, a avaliação que se vale de métodos qualitativos vincula-se à tradição interpretativa, pela qual o que interessa compreender no âmbito do social é aquilo que há de mais significativo nele, isto é, os sentidos subjetivos que configuram a orientação da ação social. Esse pensador lembra, no entanto, que nem sempre quem utiliza métodos quantitativos segue, necessariamente, a lógica positivista, ou quem usa métodos qualitativos se firma no paradigma interpretativo.

A prática mostra que a realidade resiste ao seu desvendamento pela representação mental, racionalista, o que leva à implementação de sempre novas iniciativas na busca de instrumentais investigativos mais apropriados à compreensão da problemática enfrentada pela sociedade moderna. Esses desafios, a partir dos anos 60 do século XX, acabam se tornando presentes tanto nos espaços da Universidade como nos dos Movimentos Sociais. Um número cada vez maior de investigadores e estudiosos acaba aderindo a este tipo de produção prática e teórica.

A busca por novos paradigmas do conhecimento leva estudiosos, como Habermas, a defenderem a concepção pela qual a realidade, ao contrário dos defensores da tradição positivista, constitui-se pela interação entre a estrutura e a consciência, o objetivo e o subjetivo, o sistema e o mundo da vida. **A estrutura, o objetivo, o sistema não se constituem sem a consciência, o subjetivo, o mundo da vida, e vice-versa.**

“... a sistematização, mais que uma alternativa à avaliação e à investigação, constitui uma expressão particular da busca de modalidades de investigação da ação social no marco da mudança de paradigma que caracteriza esta época de fim de século” (Martinic, 1998).

Em relação ao objeto de estudo, a sistematização e a avaliação apresentam semelhanças e diferenciações. O elemento comum que as aproxima é a prática social, objeto de estudo de ambas. A diferença aparece quando a avaliação assume toda e qualquer prática social como objeto de averiguação, o mesmo não ocorrendo com a sistematização que limita seu objeto às práticas de educação e organização popular ou promoção social que, por natureza, se identificam com a mudança social.

As insuficiências da investigação avaliativa – tradicionalmente aplicada a projetos sociais e educativos – e da pesquisa científica, no trato das questões dos projetos de organização e educação popular e sindical, fazem com que sempre mais educadores e lideranças sindicais e populares adotem a prática da sistematização.

O LUGAR DA UNIVERSIDADE E DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Na década de 60 do século XX, no nível da América Latina, inicia-se o processo que dá origem aos movimentos sociais, enquanto a universidade é desafiada a integrar-se na sociedade como ator social capaz de contribuir na geração do conhecimento exigido para dar respostas aos problemas sociais e econômicos que afetavam as sociedades. Hoje, esta demanda é colocada na perspectiva de que semelhante contribuição deve colocar-se a serviço de um desenvolvimento que seja viável economicamente, socialmente justo e sustentado por relações de mútua preservação e bem estar dos seres humanos entre si e com a natureza.

Foi no final da década de 70 do século XX que os movimentos sociais foram afetados por uma profunda crise. O tratamento dessa crise remeteu lideranças e pensadores a questionarem fortemente os projetos de educação e organização popular desenvolvidos por esses movimentos. O processo de sistematização começa a ser praticado junto a experiências desenvolvidas pelos setores populares em vários países latino-americanos. É este esforço que vem permitindo identificar a sistematização como instrumento de investigação capaz de levar ao entendimento do que se passa no interior dos processos sociais e em que bases teórico-práticas deveriam fundamentar-se para que os setores populares se transformem em atores sociais configuradores do novo homem, da nova mulher e da nova sociedade a que aspiram, tarefa que a investigação científica e a investigação avaliativa não conseguem cumprir.

O ALCANCE DA SISTEMATIZAÇÃO

A sistematização das experiências de educação e organização popular possibilita aos sujeitos da mesma desenvolverem, entre si, uma relação dialógica inter-subjetiva que faculta:

- *Identificar, resgatar e analisar criticamente:* as teorias da ação que dão sustentação às experiências de educação e organização popular ou promoção social; o dinamismo desses processos educativos no seu movimento; a complexidade desses processos, que se manifesta no inter-relacionamento contraditório; e a racionalidade que comanda a prática;
- *Explicitar a intervenção social dessa experiência e seus resultados,* ao centrar a atenção dos sujeitos no estudo das interações que se dão no interior dos processos de negociação para estabelecer os sentidos e as interpretações que entram em jogo, assim como os compromissos assumidos;
- *Entender a sistematização como instrumento de investigação que proporciona aos sujeitos da mesma estabelecerem um diálogo franco e respeitoso sobre suas próprias práticas, colocando a todos em pé de igualdade;*
- *E trabalhar as categorias e os conceitos no momento da sistematização que julgarem mais apropriado.*

ENFOQUES DA SISTEMATIZAÇÃO

Ao analisar a prática da sistematização de que vem participando junto a experiências de educação e organização popular, Oscar Jara define a sistematização como um processo qualitativo, participativo e hermenêutico. Do ponto de vista *qualitativo*, a sistematização apresenta-se como processo pelo qual é investigado o sentido e o significado da experiência estabelecidos no jogo das inter-subjetividades dos sujeitos da mesma. A sistematização é um processo *participativo*, porque estabelece uma relação dialógica entre os sujeitos da experiência para uma negociação cultural criativa sobre os sentidos da mesma. O enfoque *hermenêutico* manifesta-se no ato de os sujeitos dialogarem sobre as lógicas que a experiência apresenta, levando-os à superação da separação entre sujeito e objeto e a atuarem como intérpretes do diálogo por eles realizado no terreno da experiência investigada.

DIMENSÕES DA SISTEMATIZAÇÃO

Além desses três enfoques, Oscar Jara identifica na sistematização as dimensões epistemológica, ética, política e pedagógica. *Epistemologicamente*, a sistematização proporciona aos sujeitos da mesma a produção de conhecimento sobre as experiências sociais por eles vivenciadas e sobre a própria sistematização, ao assumi-la como objeto de estudo no ato de praticá-la e de estudá-la. Do ponto de vista *ético*, a sistematização é um instrumento de investigação utilizado pelos sujeitos da experiência investigada – e não por pessoas alheias a ela – para, na interpretação de sua própria realidade, gerar

o conhecimento de si e um conhecimento mútuo capaz de estabelecer uma identidade comum. A dimensão *política* da sistematização manifesta-se ao oportunizar a seus sujeitos a geração de espaços de poder e ao apresentar-se como processo de investigação capaz de promover transformações sociais e legitimar novos campos de poder. *Pedagogicamente*, a sistematização é um processo percorrido pelos sujeitos da mesma ao refletir, dialogando sobre os saberes em jogo; confrontando lógicas e interpretações diferenciadas; e apropriando-se do sentido da sistematização e de seu modo de operar.

A prática da sistematização possibilita, portanto: desvendar nas experiências de educação e organização popular identidades e interesses diferenciados bem como lógicas e interpretações diversas e contraditórias; reconhecer o pluralismo, a provisoriedade, a discordância e o diferente; e retomar, recriar e recontextualizar as potencialidades críticas de cada experiência.

A sistematização nos leva a perceber que, com o surgimento dos movimentos sociais, a realidade é marcada pela diversidade e pela alteridade. O contexto nos revela que os outros não são aquilo que queríamos que fossem. Diante disso, Alfredo Ghiso remete nossa reflexão para a seguinte questão: sistematiza-se para reencontrar a unidade perdida, ou sistematiza-se para reconhecer, potencializar e gerar mais diversidade?

BIBLIOGRAFIA

FALKEMBACH, Elza Maria Fonseca. *Sistematização... E agora? Pensando em análise interpretativa.* Abril de 1999. *Mim.*

GHISO, Alfredo. *De la practica singular al dialogo com lo plural. Aproximaciones a otros transitos y sentidos de la sistematizacion en épocas de globalización.* Medellín, Funlam: agosto 1998. *Mim.*

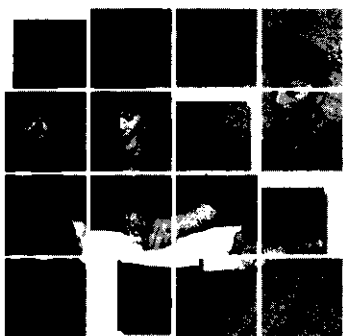
IBAÑEZ, Alfonso. *La dialéctica em la sistematización de experiencias.* *Revista Tarea, Lima 1991, p. 33.* *Mim.*

JARA, Oscar. *O que é sistematizar.* Lima 1994, p. 25.

MEJIA, Marco Raul. *No hay universidad para el desarrollo humano integral. Borradores para deconstruir verdades y reconstruir sentidos.* CINEP 1995. p. 2. *Mim.*

MARTINIC, Sérgio. *El Objeto de Sistematización e sus relaciones com la Avaliación e la Investigación. Antropólogo e investigador do CIDE, Santiago, CHILE 1998, p. 01.* *Mim.*

VERONESE, Claudino Domingos e FALKEMBACH, Elza M. Fonseca. *A Experiência de Sistematização do SPEP – UNIJUÍ. 1998.* *Mim.*



JUNTANDO CACOS



Chegamos ao final deste caderno.

Em alguns momentos, você foi chamado a interagir e a participar de sua escrita.

Enfatizamos, desde o início, o desejo de que as reflexões suscitadas tenham continuidade e que prossigamos na busca de sermos sujeitos de nossas experiências, sejam elas quais forem.

Que tal você organizar, em forma de texto, suas principais idéias acerca da sistematização! Que tal colocar no papel o resumo de suas reflexões proporcionadas por esse caderno!



A series of horizontal lines, likely representing a list or a set of data points, arranged vertically down the page. The lines are evenly spaced and extend across most of the page width.



A series of horizontal lines forming a ruled writing area, consisting of approximately 20 lines.

EXECUTIVA NACIONAL DA CUT

João Felício
Presidente

Mônica Valente
Vice-Presidente

Carlos Alberto Grana
Secretário-Geral

Remígio Todeschini
Primeiro Secretário

João Vaccari Neto
Tesoureiro

Kjeld Aagaard Jakobsen
Secretário de Relações Internacionais

Gilda Almeida de Souza
Secretária de Política Sindical

Altemir Antonio Tortelli
Secretário de Formação

Sandra Rodrigues Cabral
Secretária de Comunicação

Pascoal Carneiro
Secretário de Políticas Sociais

Rafael Freire Neto
Secretário de Organização

DIRETORIA EXECUTIVA

José Jairo Ferreira Cabral, Maria Ednalva Bezerra de Lima, Elisângela dos Santos Araújo, Luzia de Oliveira Fatti, Rita de Cássia Evaristo, Lúcia Regina dos Santos Reis, Jorge Luis Martins, Lujan Maria Bacelar de Miranda, Temístocles Marcelos Neto, José Maria de Almeida, Júnia da Silva Gouvêa, Wagner Gomes, Gilson Luis Reis, Júlio Turra

SUPLENTES

José Gerônimo Brumatti, Francisco Alano, Aldanir Carlos dos Santos, Wanderley Antunes Bezerra, Rosane da Silva, Dirceu Travesso, Mônica Cristina da S. Custódio



**“Existe um único lugar
onde o ontem e o hoje
se encontram
e se reconhecem
e se abraçam,
e esse lugar é amanhã”.**



(Eduardo Galeano)



Planfor
Plano Nacional de Qualificação
do Trabalhador



**MINISTÉRIO DO
TRABALHO E EMPREGO**

